



TARINDO DE QUE?

Saci, Mula sem cabeça, Boto rosa - Quem já viu? - pag. 8



Rio de Janeiro, um estado de graça - pag. 20

mais criatividade mais florestas plantadas

Você ♥ papel
Dá para entender

Você sabia que as empresas brasileiras produtoras de papel obtêm 100% da celulose a partir de florestas plantadas?*

A área de florestas plantadas no Brasil equivale a 2.2 milhões de campos de futebol.**

Desenhar aumenta a criatividade. Estimule seus filhos a desenhar tranquilamente, pois o papel é feito de madeira natural e renovável.

Para descobrir fatos ambientais surpreendentes sobre a comunicação impressa e o papel, visite www.twosides.org.br

APOIO



Two Sides é uma iniciativa que promove o uso responsável da comunicação impressa e do papel como uma escolha natural e reciclável para comunicações poderosas e sustentáveis.

*Folha Bracelpa Nº01, Maio / Junho 2009.
**Two Sides Brasil, 2014.

A comunicação impressa e o papel têm uma ótima história ambiental para contar



www.twosides.org.br





Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espíndola Dias
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Walter Freitas Netto
Diretor Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo

ANO XII nº 40

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luana Soares

Estagiários:

Camila Araújo
Gabryella Mendes
Janaína Medeiros
Laura Alonso
Magno Navarro
Nathalia Cordeiro

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:
Foto: Alberto Jacob Filho

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

TEATRO DO OPRIMIDO

4 Grupo muda a forma de ver as pessoas portadoras de sofrimento mental



BORDANDO O FUTURO

6 O resgate da tradição do bordado manual

FOLCLORE

8 Lendas ainda são referência para muitos

CASA D'ARTE DE VALENÇA

13 Artista plástico desenvolve técnica de esculturas em papel e vira referência mundial

CASA POEMA

14 Espaço no Rio de Janeiro promove a poesia para todos



CARTUNISTAS

15 Como a área de desenhos gráficos influenciou na formação do humor no Rio de Janeiro

DANÇA

20 Projeto oferece aulas de dança para comunidades do Centro da cidade

BRAZILIDADE

22 Turismo de base integra morro e asfalto

PROJETO SEMENTE

23 Iniciativa atua em diversos polos da cidade de Niterói



TÊNIS SOBRE RODAS

24 Modalidade esportiva para deficientes físicos é a que mais cresce no mundo

CENTRO CULTURAL ENSEADA

26 Iniciativa voltada para o público feminino incentiva a inclusão social

AMIGOS PARA SEMPRE

28 Diversão e voluntariado contribuem para a formação de valores



INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

30 160 anos em prol dos portadores de deficiências visuais

CENTRO DE ARTES UFF

33 Espaço movimentado a cultura niteroiense

BIBLIOTECA VISCONDE

34 A ligação entre um pedreiro analfabeto e os livros

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES



Para atores e atrizes do Pirei na Cenna, o teatro transforma a realidade

CAMILA ARAÚJO

Através do teatro, grupo muda a forma de ver as pessoas portadoras de sofrimento mental

É melhor prevenir que remédio dar. Quantas vezes você já ouviu alguma expressão parecida? Parece clichê, a não ser por um detalhe: e se o “remédio” em questão for o teatro, e a prevenção, a arte? Esse foi o tema de uma das peças teatrais do Grupo de Teatro do Oprimido Pirei na Cenna. Há 18 anos, a companhia realiza um trabalho voltado aos portadores de sofrimento psíquico, utilizando a arte para mudar a ideia de tratamento manicomial, combater o preconceito, e assim buscar uma transformação na sociedade.

A trajetória do Pirei na Cenna teve início em 1997, no auditório do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ), em Niterói, com Cláudia Simone Santos, então estagiária de psicopedagogia. Com o objetivo de combater a ideia de que se deve isolar a pessoa com sofrimento mental em nome de pretensos tratamentos, Claudia iniciou uma oficina teatral para os internos da instituição, utilizando técnicas do Teatro do Oprimido (TO) – um método elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, que defende a produção artística pelas camadas que considera marginalizadas da sociedade.

“Para complementar minha formação como psicopedagoga, busquei aliar pedagogia e Teatro do Oprimido. Foi quando encontrei a seguinte frase de Boal no livro ‘Arco-Íris do desejo’ «sem nenhuma certeza, é certo, mas com esperança bem fundada; Se



PIREI NA CENNA: QUANDO



Ensaio no pátio do HPJ

Foto: Divulgação



Apresentação da esquete "Saúde Mental Positiva"

o ator pode ficar doente o doente pode ficar ator», lembrou Claudia. "A partir de então, coloquei em prática a ideia de aliar Saúde Mental e TO, formando o Pirei na Cenna, composto por usuários de Saúde Mental, familiares e outras pessoas que queriam construir alternativas para o resgate da cidadania, na busca por autonomia e qualidade de vida dos portadores de sofrimento psíquico", explicou.

O método reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais, todas elaboradas por Boal. Ele propõe ainda um diálogo em que atores e espectadores podem debater e trocar experiências durante a cena, baseada em uma situação real. Após o debate, é proposto um desfecho concreto (que poderia se aplicar à realidade) que é encenado pelos atores.

Hoje é o Alessandro Conceição quem coordena as atividades do projeto. Os ensaios, ministrados por ele, acontecem toda terça-feira às 10 horas no HPJ. Qualquer um pode participar. "A gente sempre diz que a pessoa tem que ter o desejo de querer transformar a sua realidade. Por discutir questões da loucura, geralmente vêm pacientes, pessoas em tratamento, mas também pessoas de fora", enfatiza o coordenador. Segundo ele, desde que o teatro entrou na vida destas pessoas os períodos de depressão diminuíram, a adesão ao tratamento aumentou e a vontade de viver ressurgiu.

Por que o nome 'Pirei na Cenna'? Alessandro conta que havia

uma preocupação muito grande com o fato de fazer teatro com os pacientes do Hospital Psiquiátrico. "As pessoas diziam 'é muito complicado fazer teatro com quem é maluco. E se eles pirarem, surtarem na cena?' E aí alguém falou 'Ah! Esse pode ser o nome do grupo: PIREI NA CENA'. E assim ficou", explica o curinga.

Desde a fundação, em 1997, aproximadamente 50 pessoas fizeram parte do elenco. Hoje, Sérgio Lima, Eloanah Gentil, Mônica Medalha, Lúcia Aparecida, Raul Polencia, Wanderson Pacheco e Eliana Guimarães fazem parte do elenco e estão apresentando a peça "Doidinho para trabalhar". As peças são elaboradas pelos próprios atores que se reúnem toda semana no auditório do HPJ.

NO PALCO

O grupo já se apresentou em praças, escolas, igrejas e até shopping centers pelo Brasil. "Buscamos discutir em outros locais o direito dos pacientes de ter um tratamento mais humanizado. O país avançou muito em relação à Reforma Psiquiátrica, mas ainda há o que fazer. Pela arte a gente acha que é possível discutir temas importantes, com vistas à transformação da sociedade", ressalta Alessandro.

Um dos atores é o Wanderson Pacheco, de 33 anos. Ele está no Pirei na Cenna há 13. "Eu gosto de tudo no teatro, mas o que eu mais gosto é das viagens. Uma parte dela

é pra trabalho, a outra é pra se divertir. É bom porque a gente acaba falando do que vive, conhece pessoas que nunca viu na vida, num hotel muito bom; a gente trabalha um pouco (porque a gente vai pra trabalhar [risos]), mas é uma experiência maravilhosa", relata o ator.

ARTETERAPIA

De acordo com a Associação Americana de Arteterapia, o uso terapêutico da arte ajuda pessoas a ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumática e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

A presidente da Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro, Ligia Diniz explica o potencial que a arte tem sobre tratamentos psicológicos. "A atividade artística é um elemento transformador de conteúdos psíquicos, por meio desta estimula-se a criatividade e o autoconhecimento através do uso da linguagem dos símbolos. Existem muitos estudos científicos que comprovam que a arte por si só é um tratamento para pessoas que tem problemas de saúde mental", confirma a psicóloga e arteterapeuta. □

SERVIÇO

Centro de Teatro do Oprimido
Endereço: Av. Mem de Sá 31, Lapa - Rio de Janeiro, Telefone: (21) 2215-0503
Site: www.ctorio.org.br
Facebook: www.facebook.com/GTOPireiNaCenna

A LOUCURA INVADE OS PALCOS



A arte do

Projeto Bordando o Futuro, de Itaperuna, resgata tradição do bordado manual

LAURA ALONSO

Agulha, linha, um pedaço de tecido e mãos à obra. A arte do bordado manual é, por vezes, esquecida diante da modernidade do século XXI. O maquinário - mais rápido e barato - acabou substituindo quase todo o trabalho manual, feito com atenção e cuidado pelas antigas bordadeiras. Nas fábricas e grandes confecções não há tempo a se perder com a produção em larga escala. O resultado de tanta pressa são produtos iguais, que, apesar de mais baratos, não possuem nenhuma história de vida por trás.

Em Itaperuna, cidade do interior do Rio de Janeiro, localizada a cerca de 310 quilômetros da capital, um projeto tenta resgatar os antigos hábitos do bordado e incentivar o comércio local. Aquilo que anteriormente era apenas um curso de bordado, cresceu, devido à demanda, e se transformou em associação. "O curso de bordado surgiu em 2007, com a necessidade de capacitar pessoas que

pudessem customizar as peças das confecções. A transformação de um curso informal para uma Associação formal, organizada, foi a consequência lógica: reunir essas pessoas com um objetivo comum, capacitadas e dispostas a bordar peças em grande quantidade para atender o mercado", explica Maria Alice França de Oliveira, presidente da Associação de Bordadeiras de Itaperuna.

Atualmente cerca de 90 mulheres frequentam o curso, onde aprendem a arte de bordar e, ao mesmo tempo, geram renda para ajudar nas despesas domésticas. O projeto é voltado principalmente para donas de casa de baixa renda que não podem ter um emprego formal em virtude de seus afazeres domésticos e filhos em idade escolar.

Apesar de o grande atrativo ser o capital extra, muitas são atraídas para o curso pela distração que o trabalho manual fornece. Muitas dessas mulheres passaram por momentos



À esquerda, a presidente da Associação, Maria Alice de Oliveira. À direita, as bordadeiras mostram seus trabalhos, orgulhosas



bordado

difíceis em suas vidas e buscam uma forma de escapar da depressão. A bordadeira Cordelia Maria de Aquiles Oliveira, de 53 anos, após passar por um câncer, procurou a associação. “Eu queria fazer algo no qual eu me sentisse útil. Foi aí que eu conheci o Bordando o Futuro, logo no início do projeto. As mudanças foram muitas. Voltei a acreditar em mim mesma, descobri que posso fazer muitas coisas e voltei a me sentir útil”, conta ela, que não tinha noções de bordado e desenvolveu suas técnicas no curso.

As histórias de superação são muitas. Iza Maria Carvalho Brittes, de 61, também é bordadeira e procurou o projeto por um motivo semelhante ao de Cordelia. “Participo do Bordando o Futuro há três anos, lá encontro amigas e saio de casa. Essa atividade me ajuda a não ficar deprimida. Me sinto útil, produtiva e tenho um local onde aprendo a criar e inventar novas coisas. Isso me traz muita alegria, além de ganhar uns trocados”, conta ela.

PRÊMIOS

Em 2007, o projeto participou do concurso de Cultura Nota 10, concorrendo com outros 250 projetos, e ficou entre os dez finalistas, sendo agraciado com o troféu Cultura Nota 10. Dois anos depois, em 2009, participou do Edital da Secretaria de Cultura e foi selecionado para ser Ponto de Cultura em Itaperuna. Com esta parceria conseguiu verbas para adquirir máquinas de costura e com isso está desenvolvendo, paralelo ao curso de bordado, um curso de costura. O objetivo é capacitar alunas a operar essas máquinas e, assim, prepará-las para o mercado de trabalho, que é carente dessa mão de obra na cidade.

Os produtos feitos pelas bordadeiras são postos à venda em feiras como O Mercado Noroeste, em Itaperuna; Feira Mão de Minas, em Belo Horizonte; Rio Artes Manuais, no Rio de Janeiro; Salão de Turismo, em São Paulo, e outras feiras pelo país.

Há também um ponto de venda no Rio de Janeiro, na Rua Real Grandeza, nº 293, no bairro de Botafogo, e uma loja em Itaperuna, na Rua Duque de Caxias, nº 11, no Centro da cidade.

Dona Maria Alice diz ainda que o curso de bordado é permanente e que “continua trilhando o caminho em busca de novas parcerias e melhorias”. E ainda reitera seu maior objetivo com a associação: “Valorizar a dignidade, a ousadia, a maestria e melhorar a autoestima das bordadeiras. Dessa forma, as mulheres conseguem gerar renda e ainda resgatam uma arte através do seu dom”, completa. O curso está aberto para novas pessoas que desejam aprender a bordar e é gratuito □

SERVIÇO:

Associação de Bordadeiras de Itaperuna
Projeto Bordando o Futuro
Endereço: Rua Duque de Caxias, nº 11,
Centro – Itaperuna/RJ, CEP: 28300-000
Telefone: (22) 3822-7569
Facebook: www.facebook.com/bordando.futuro

O FOLCLORE VIVE



Fotos: Empresa Municipal de Múltímeios - Multirio

CAMILA ARAÚJO

Histórias de quem jura ter visto personagens do Folclore mostram como as lendas ainda servem de referência para muitas gerações

Quando foi a última vez que você ouviu falar em folclore? Na escola, talvez? Numa aula de sociologia ou história? Ou ainda uma estória que um conhecido contou? Bom, não é algo comum de se ouvir, não é mesmo? Pensar em folclore é pensar nas raízes da cultura popular brasileira. Antigamente, povos nativos do Brasil utilizavam o folclore como forma de compreender o mundo em que viviam e também para expressar seu conhecimento.

Segundo dados do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), o folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Você pode pensar “ah, já sei o que é folclore. Não tem nada de novo nisso”. Tem sim. Tanto tem que vai virar filme na cidade de Maricá, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Está em produção um curta-metragem de ficção chamado “Toca do Saci” que narra a história de um estudante que sofre bullying e é ajudado pelo Saci Pererê.





O curupira é protetor das matas e dos animais silvestres



Na série, a Matinta vive no alto das montanhas, em uma com o formato de Matinta Perera

Uma explicação: em Maricá existem vários moradores que juram ter visto o personagem folclórico.

“A ideia é resgatar os ‘causos’ da cidade e associá-los com temas da atualidade. A gente conhecia muitas histórias daqui que os moradores repassavam para outros e as lendas acabavam circulando pela cidade. O mais importante é fazer com que a história do nosso povo continue viva, na nossa memória e também através do filme”, explica Luis Gustavo, estudante de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF) e diretor do curta.

Vera Lúcia de Macedo, de 64 anos, é testemunha de uma manifestação do Saci Pererê, no bairro de Espraiaado, em Maricá. Ela e seu marido, Agnaldo de Macedo, de 69, acreditam que são prova viva de que o menino de uma perna só, que fuma um cachimbo e usa uma carapuça vermelha na cabeça existe.

“Eu o vi em frente à casa onde a gente morava, que dava vista para o morro. Meu marido estava com dor de ouvido e uma vizinha disse pra pingar sumo de manjeriço que curava. Aí a gente saiu pra buscar no morro à noite. Ele foi segurando a lamparina e eu fui pegar a erva. Quando eu olhei pra cima e vi que o saci estava vindo, eu gritei e a gente correu depressa. Quase não peguei o manjeriço. A gente entrou em casa correndo, trancou tudo, apagou a lamparina e viu ele do lado de fora. O saci estava andando pra lá e pra cá no nosso quintal. Todo mundo aqui dizia que era ele porque era uma tocha de fogo com vento que ficava rodando e só aparecia à noite”, conta.

Outro morador de Espraiaado também viu o Saci. “Faz tanto tempo que a gente nem lembra mais. Ventava muito nesse dia, eu estava sentado na varanda e via no morro aquele sinal de fogo que ficava de um lado para o outro, sem parar. Estava num lugar e depois corria pra outro, como um foco de luz mudando de lugar. Segundo o povo antigo, era o Saci Pererê. Eu não acredito nem descredo. Não posso dizer que era o Saci, mas respeito meus ancestrais. Lá tinha muita montanha, muito morro, tipo roça mesmo, no meio do mato tinha uns casebres, por isso ele aparecia. Tinha mês que eu via, outro que não via. Hoje em dia não vejo mais porque me mudei, mas muita gente diz que ainda existe saci por lá”, conta Natalino Pereira, de 76.

A lenda do Saci data do fim do século XVIII. Durante a escravidão, as amas-secas e os caboclo-velhos assustavam as crianças com os relatos das travessuras dele. Seu nome no Brasil é originado do Tupi Guarani. Diz a crença popular que dentro de todo redemoinho de vento existe um Saci. Alguém perseguido por

ele deve jogar cordas com nós em seu caminho que ele vai parar para desatar os nós, deixando que a pessoa fuja. A lenda diz que, se alguém jogar dentro do redemoinho um rosário de mato bento ou uma peneira, pode capturá-lo, e se conseguir sua carapuça será recompensado com a realização de um desejo.

Segundo Marcio Serafim, mestre em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o folclore é uma forma de saber tão importante quanto todas as outras. “O folclore também contribui para a constituição da identidade cultural de um povo que se reconhece no mesmo. Se transcendermos o etnocentrismo e a visão superficial sobre a cultura popular, poderemos reconhecer uma grande sabedoria por de trás das chamadas lendas folclóricas, tão relevantes quanto as reflexões filosóficas ou científicas. De maneira informal e simples, grandes temas são tratados por meio desses mitos, como a ecologia presente na lenda do curupira, por exemplo”, explica o antropólogo.

E não é só Maricá que tem tradição com as lendas folclóricas. Outros municípios do estado do Rio também têm história pra contar. Em Búzios, foi produzido no ano de 2012 um documentário intitulado “Havia um tempo”, que fala das lendas de Armação dos Búzios à época da colônia de pescadores. Daí surgem inúmeros causos contados pelos moradores mais antigos, como Cantigas de roda, Reis de Boi, Jongu, Lobisomem, Boitatá e muitas outras. O filme está disponível no Youtube.



Também em Laje do Muriaé, no Noroeste Fluminense, outro personagem do folclore se fez presente para Celso Junnior, de 33. “Eu tinha uns 13 anos. Estava com meus primos em um sítio, conversando. Naquele dia mataram um porco e uma vaca para um churrasco de aniversário dos 15 anos da filha do dono da fazenda. Então à noite, conversando, ouvimos uma espécie de cavalgar no campo e, de repente, passa como que flutuando uma bola de fogo. Algo muito rápido, mas que não saiu da memória jamais”, relata Celso sobre o dia em que viu a Mula Sem Cabeça.

Parece brincadeira, mas não é assim tão simples. O que explica, então, o fato de essas pessoas terem visto uma manifestação que julgam ser pertencente aos mitos folclóricos?

“Muitas histórias do folclore cuidam do misticismo que faz parte das indagações humanas sobre a origem de tudo. Note que nem a ciência com toda sua pompa moderna conseguiu explicar tudo. Existe ainda muita controvérsia sobre a gênese de tudo. A vida no cosmo, no universo e na Terra é ainda um mistério. O folclore tem toda legitimidade para apresentar suas considerações sobre o mistério da vida, além de permitir ao homem liberar sua imaginação, o que contribui para a liberdade de pensamento.”

Passado de geração em geração, o folclore continua sendo preservado até os dias de hoje. A professora de sociologia Lívia de Oliveira explica que as lendas e crenças populares são uma forma que um povo tem de conservar sua tradição. “O folclore é parte da cultura de um povo e, sendo assim, é criado de acordo com valores morais e demandas reais. Assim como os ditados populares que se tornam ‘verdade’ (‘Deus ajuda quem cedo madruga’), as crenças e lendas são elaboradas, em última instância, a fim de alcançar algum objetivo concreto, que pode ser desde amedrontar as crianças para que não se afastem muito da proteção do lar ou para induzir toda uma população a se comportar da maneira desejada”, aponta.

NA TELINHA

Juro Que Vi – série de desenhos animados sobre lendas, mitos e personagens brasileiros.

Personagens folclóricos como o Curupira, a Sereia Iara, o Boto cor-de-rosa, a Matinta Perera e o Saci – alguns deles conhecidos por todo o Brasil, outros apenas em regiões específicas do país – viraram desenho animado com a série Juro Que Vi, sob direção de Humberto Avelar. Com a intenção de trabalhar as narrativas nascidas da oralidade popular, contadas em diversas versões e regiões do Brasil, a equipe de animação da Empresa Municipal de Multimeios (MultiRio), da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, teve a ideia de inserir os mitos e lendas no universo infanto-juvenil.

Primeiro, os personagens escolhidos foram os mais populares (Saci, Curupira, Iara e Boto), objetivando um diálogo imediato com o públi-

co. A Matinta Perera veio depois, numa pesquisa mais profunda, onde foram descobertos personagens menos conhecidos do grande público, mas com grande apelo no Norte e Nordeste. Humberto Avelar revela o que levou em conta no momento da criação da imagem dos personagens.

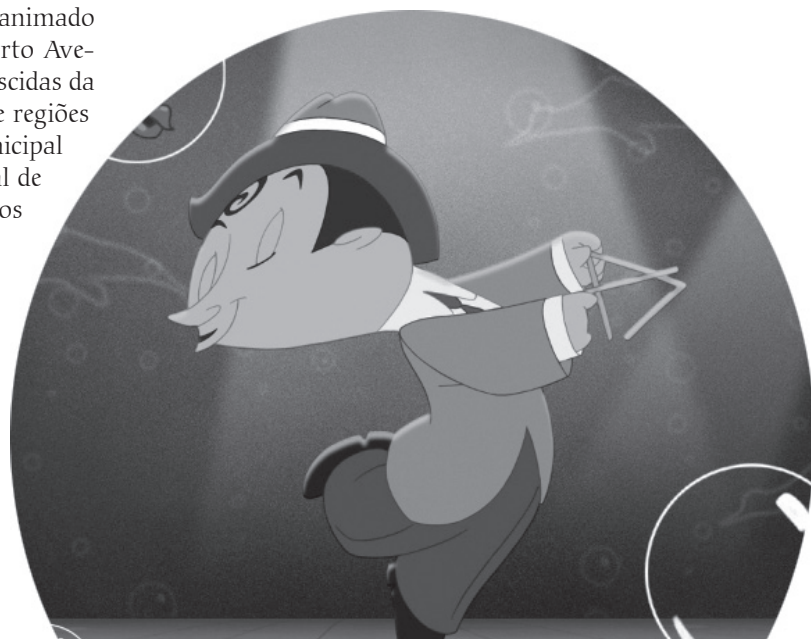
“Gosto de partir de alguma referência do mundo real como inspiração. Isso aconteceu com o personagem ajudante do caçador no filme “O Curupira”. Ele é uma alusão e uma homenagem ao ator Grande Otelo, que interpretou personagens com características semelhantes na Era de Ouro do cinema brasileiro. O personagem do Boto, por sua vez, faz uma alusão a traço do clássico “Amigo da onça”, do imortal cartunista Péricles”, conta.

Para ter a cara e o jeito que a criançada gosta, os desenhos não foram criados exclusivamente por profissionais, adultos sisudos e responsáveis. A criançada pôde participar da produção também. Alunos da rede pública de ensino opinaram em todo o processo de criação junto a um time grande de desenhistas, animadores e músicos, convidados especialmente para a composição da equipe. Cada filme da série levou cerca de um ano para ficar pronto.

Uma curiosidade é que os desenhos foram produzidos com base em textos e relatos literários, não através do contato com pessoas que de fato afirmam ter visto um personagem folclórico. Acontece que nesses relatos literários o povo se refere a essas criaturas com muito respeito e admiração. São figuras que fazem parte do dia a dia de muitos brasileiros através das histórias, causos e relatos.

A série ganhou vários prêmios dentro e fora do Brasil. Uma das mais importantes premiações foi o Japan Prizze, da TV Japonesa NHK, dada ao episódio da Matinta Perera, em Tóquio. Além disso, os desenhos ganharam selo “Altamente Recomendável” para crianças e adolescentes pelo Ministério da Justiça e uma menção especial do UNICEF.

“Todo esse retorno nos estimula na pesquisa e produção de mais mídia de qualidade para o público infanto-juvenil, visando uma abrangência maior dos produtos animados nacionais dentro e fora do país. Este ano também teremos novas produções diferentes da série Juro Que Vi, mas igualmente interessantes. ”, garante o diretor.



*Com seu jeito galanteador e falante,
o boto dança, bebe e se comporta
como um rapaz normal para seduzir
as moças*



CONHEÇA AS LENDAS MAIS POPULARES

BOITATÁ: Representada por uma cobra de fogo que protege as matas e os animais e tem a capacidade de perseguir e matar aqueles que desrespeitam a natureza. Acredita-se que este mito é de origem indígena e que seja um dos primeiros do folclore brasileiro. Foram encontrados relatos do boitatá em cartas do padre jesuíta José de Anchieta, em 1560. Na região Nordeste, o boitatá é conhecido como “fogo que corre”.

BOTO: Segundo diz a lenda, nas noites de lua cheia, próximas às comemorações das festas juninas, o boto cor-de-rosa sai do Rio Amazonas, transforma-se em metade homem, seduz e acaba engravidando jovens moças que são conhecidas como as mais belas da cidade.



No episódio da Matinta Perera, a senhora e a menina brincam



Na série, O caçador de animais e seus ajudantes estão sempre sob o olhar atento do Curupira

BIBLIOTECA AMADEU AMARAL

Inaugurada em 1961, a Biblioteca Amadeu Amaral (BAA) reúne hoje um dos maiores acervos de folclore e cultura popular da América Latina, com cerca de 300 mil documentos, distribuídos entre livros, periódicos, folhetos, teses, folhetos de cordel, recortes de jornais.

Inclui obras raras, editadas no Brasil e no exterior desde o século 19, com títulos sobre o romancista e o cancionista medievais, modinhas brasileiras e relatos de viajantes, além de produções contemporâneas de editoras alternativas.

O espaço é voltado para estudantes, pesquisadores e interessados que queiram conhecer um pouco mais sobre o assunto. A BAA é um dos braços do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, atualmente em obras. O acervo digital está disponível na internet e pode ser solicitado a qualquer momento.

SERVIÇO

Biblioteca Amadeu Amaral
Rua do Catete, 179 – Catete
CEP: 22220-000 - Rio de Janeiro, RJ
Tel: (0xx21) 2285-0891/3826-1989 ramais 217, 218, 230, 231
Fax: (0xx21) ramal 210
E-mail: biblio.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br



Uma história de amor com o folclore

Formado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Alberto Filho, de 52 anos, se descobriu um apaixonado pela história dos mitos e das lendas brasileiras. Para ter uma ideia, ele realizou uma ampla pesquisa nos anos 1980 e 90, que incluiu muitas horas de entrevista com moradores, historiadores e folcloristas das regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Para complementar sua pesquisa, Alberto fez viagens pelo exterior, explorando as origens de muitos dos nossos mitos regionais mais notórios. Desse processo, nasce um folclorista e escritor de contos infantis que vai contar mais sobre sua experiência e sobre o verdadeiro significado do folclore para a cultura brasileira.

O Prelo – Por que se interessou pelo folclore, sendo formado em Administração?

Alberto Filho – O interesse pelo folclore deve-se ao tema de uma palestra que fiz para jovens formandos, que era “A angústia do homem em sua busca pelo sucesso no mundo dos negócios”. Assim, em busca de algo material para explicar a angústia humana, acabei chegando à força condicionadora dos mitos universais, que são, na verdade, correntes folclóricas comuns a todas as civilizações e isso inclui todas as variedades supersticiosas, as doutrinas e cultos religiosos, inclusive os bárbaros. Achei tudo tão curioso que resolvi levar mais a sério o tema e nunca mais parei.

O Prelo – O que significa o folclore para a cultura brasileira?

Alberto Filho – Para a cultura de qualquer país, o folclore representa um espelho alegórico dos sentimentos espirituais de cada povo. Também revela o poder de sua imaginação na exploração e tentativa de explicar aquilo que não pode ser compreendido pelas vias tradicionais. Sem imaginação a nação não tem vida e praticamente tenderá a viver de pensamentos alheios e mitos terceirizados extraídos de outras culturas. E nesse caso, isso tende a revelar toda sua pobreza criativa, ausência de lastro, sem contar sua falta de perspectiva espiritual e existencial.

O Prelo – Por que é importante preservar essas histórias?

Alberto Filho – Os mitos de um povo não são simples tradições culturais ou apenas datas simbólicas pontuais que mereçam uma menção comemorativa. Lembre-se de que todos os dogmas religiosos tradicionais são expressões mitológicas, produto do imaginário de todas as nações, de

cada indivíduo que viva em sociedades organizadas. Trata-se de um simbolismo necessário, um lastro histórico fixo para situar o homem, seja civilizado ou não, diante de si mesmo. Sem uma referência alegórica que explique seu misterioso mundo espiritual, sua origem e perspectiva existencial, ele perde sua própria identidade, desconhece a sua alma. As histórias tradicionais ativam a imaginação e a criatividade, permite ao homem sonhar com aquele imaginário que ora ganha forma e passa a ter uma origem compreensível, já que fala uma linguagem capaz de ser compreendida por todos.

O Prelo – Como é o folclore fluminense?

Alberto Filho – O folclore fluminense, no aspecto dos mitos, não difere dos mitos gerais do resto do Brasil, compostos em sua essência pelo Saci, Caipora, Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Boitatá etc. Já no aspecto espiritual teve forte influência dos colonos europeus, negros africanos, dos mestiços e muito pouco dos indígenas.

O Prelo – Há alguma peculiaridade no folclore do estado do Rio?

Alberto Filho – Embora não seja diferente do resto do país, nos aspectos religiosos, devido à forte influência negra no estado e especialmente na capital, a peculiaridade está repleta de rituais umbandistas, do candomblé e pelas tradições espirituais que a etnia importou dos seus irmãos africanos. Embora a colônia, a princípio, fosse habitada por inúmeras tribos nativas, poucas deixaram sua herança folclórica, uma vez que logo foram dizimadas pelos colonos ou expulsas para além das fronteiras e tudo isso antes que tivessem



Foto: Divulgação/Caru Ribeiro

oportunidade de um contato mais estreito com a civilização.

O Prelo – Você escreve contos infantis e também desenha os personagens dos contos. Como isso começou?

Alberto Filho – Os contos infantis surgiram da necessidade de criar uma ferramenta educativa de impacto para as crianças e as ilustrações foram uma das formas de chamar a atenção delas para que levassem mais a sério as historinhas e a leitura. Enquanto desenvolvia o drama do conto em sala de aula, no quadro negro ou em folhas de papel presas a cavaletes, eu ilustrava tudo que estava acontecendo com os personagens. O que acabou resultando depois em muitas oficinas de desenho para várias turmas, sem contar que os resultados do processo de assimilação de texto e da leitura evoluíram de forma extraordinária.

O Prelo – Em sua opinião, qual é a atual situação do folclore no RJ? Ainda existe alguma preocupação em manter as tradições?

Alberto Filho – Como no restante do Brasil, trata-se de um assunto quase em extinção. As novas gerações pouco conhecem as tradições locais, os contos de acalanto, as histórias de pé de ouvido – que os mais velhos costumavam contar à noitinha quando todos se reuniam após o jantar. Como esse costume praticamente não existe mais, as lendas tendem a definir na mesma proporção. Nesse momento estas lendas são mantidas apenas por iniciativas individuais, mas de forma discreta, isoladas, sem a mesma repercussão popular e força de antes, quando as pessoas costumavam interagir de forma não virtual. Mesmo assim não acreditamos que desapareçam por completo □



No Centro da pequena e romântica Conservatória, no interior do Rio de Janeiro, um pequeno prêmio ganha destaque pelas figuras angelicais na fachada. Criada em janeiro de 1997, a Casa D'Arte é hoje considerada um Patrimônio Cultural no estado. Famosa por suas incríveis esculturas e seu acervo religioso, a casa recebe em média dois mil visitantes por mês.

O grande criador do espaço é o artista plástico Mário Luiz Silva. Natural da região, Mário é um artista autodidata que idealizou a singular técnica da "bela arte em papel". Ela consiste em figuras de santos de estilo barroco produzidas com papel craft e arame, preenchidos com jornal e finalizados com tinta. As cabeças são feitas de gesso. Sem nunca ter frequentado uma escola de arte, ele diz ter cursado a "faculdade celestial", já que sua inspiração vem da sua intensa fé.

A ideia de suas obras surgiu a partir da observação dos velhos caipiras e seresteiros de Conservatória, que foram transformados em bonecos de papel. Após um ano da criação da técnica da «arte em papel» o artista desenvolveu sua inspiração para as obras no estilo sacro barroco. Devoto de Nossa Senhora da Conceição, a santa mais encomendada pelos clientes da Casa D'arte, tornou-se ícone dos artistas. A residência de Silva fica no segundo andar da loja, que lembra uma igreja, repleta de imagens de santos e altares que o artista encontrou ao longo da vida em lugares como caçambas de lixo e brechós. "Sempre fui muito religioso. Enxergo meu trabalho como uma missão", diz Mário Luiz.

Mário trabalha em sua própria casa ouvindo música clássica ou sacra. Mesmo depois da fama internacional, que obteve após sua participação na Mostra Brasil de Artesanato, realizada em Milão (Itália), o artista quase não sai de Conservatória devido ao seu fluxo de encomendas. E por isso, em algumas exposições, a participação de suas obras fica por conta do SEBRAE, que atua como principal parceiro da Casa D'Arte e leva as obras para todos os eventos externos.

Semanalmente Mário produz cerca de 30 esculturas e santos, e seu trabalho é reconhecido não somente pelos moradores da cidade e turistas. Famosos como Chico César, Ana Maria Braga e Regina Duarte já adquiriram peças criadas pelo artis-



De Conservatória para o mundo

Artista plástico desenvolve técnica de esculturas em papel e vira referência mundial

NATHÁLIA CORDEIRO



ta. Algumas de suas obras já foram expostas em vários lugares como Inglaterra, França e Itália. Dentro do estado, é possível encontrar o trabalho do santeiro em igrejas como a de Nossa Senhora das Dores, em Paraty; e São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. O valor de um santo assinado por Silva pode variar de R\$40 a R\$50 mil, de acordo com o tamanho e a complexidade da peça.

Os moradores da região comemoram a visibilidade turística que a cidade conquistou após as obras de artes ficarem famosas. Dona Almerinda da Silva é uma artesã local que comemora o sucesso de suas vendas, graças à movimentação turística local. "O número de turistas aumentou muito, a cidade está sempre cheia. Com a venda dos meus artesanatos minha renda aumentou e hoje tenho uma qualidade de vida melhor. É muito bom ver nossa cidade ser reconhecida", finaliza ela □

SERVIÇO

Endereço: Rua Pedro Gomes, 26 (em frente à Locomotiva) - Conservatória
Telefone: (24) 99969-7226 / (21) 99715-6257.
Horário de funcionamento: Sábados, das 10h às 19h; e domingos das 10h às 14h

Espaço no Rio de Janeiro promove a poesia para todos em cursos e projetos sociais

MAGNO NAVARRO

Quintana e Drummond na sala. Dormindo no quarto, Moraes. Na cozinha, conversam Bandeira e Meireles. Um cenário plenamente possível no céu, mas que se repete aqui na Terra com a Casa Poema, lar da poesia no Rio de Janeiro. Lá, aprende-se a dar vida aos poemas da literatura brasileira e portuguesa através do curso de Poesia Falada, criado pela atriz e poetisa Elisa Lucinda. Por isso, é possível dizer que espalhados pelos cômodos estão poetas imortais como Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira e Cecília Meireles, além de Fernando Pessoa, Adélia Prado, Ferreira Gullar, entre tantos outros.

Elisa Lucinda é atriz, jornalista, poetisa e idealizadora da Casa Poema. Nascida no Espírito Santo, mas moradora do Rio de Janeiro há mais de 20 anos, a artista tem seu foco de atuação na arte-educação. A metodologia aplicada nos cursos, oficinas e workshops, criada por Elisa, consiste em aproximar o interlocutor da poesia fazendo com que ela seja a mais natural e verdadeira possível, abandonando o estigma de que recitar uma poesia é algo metódico e unísono. “Quando a gente se apegar a uma forma só de dizer, de “declamar” po-



Lar doce lar da poesia

esias, é como se pregássemos alfinetes nas asas de uma borboleta. Tenho certeza de que muita gente pensa que não gosta de poesia, por conta de ter sido a ela mal apresentada, com pausas absurdas e ausência de sentido. Desenvolvemos hoje essa linguagem e a dramaturgia que a palavra nos traz até as últimas consequências”, resume Elisa.

Fundada em 2010 em parceria com a também atriz Geovana Pires, a história da Casa Poema começa em 1998 quando Elisa Lucinda criou a Escola Lucinda de Poesia Viva. Após ministrar cursos pelo Brasil, ela resolveu fazer um no Rio de Janeiro. Uma semana depois, os alunos não quiseram mais ir embora, marcando assim o nascimento da escola. Um dos objetivos principais deste trabalho é provar a utilidade da poesia

dentro da vida cotidiana, uma vez que foi o primeiro gênero de autoajuda conhecido no mundo.

Um dos principais frutos gerados pela Casa Poema veio através da parceria feita com a Fundação Ford e o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP), da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro: o projeto Versos de Liberdade. Criado em 2013, a proposta é fortalecer o protagonismo dos jovens e ajudá-los com novas possibilidades de viver e se relacionar através da palavra, reduzindo o índice de situações de violência dentro e fora do ambiente escolar. São realizadas oficinas de poesia falada para alunos e professores de escolas municipais de áreas vulneráveis do Rio de Janeiro. Nelas são debatidos

temas relacionados à discriminação racial e o preconceito com o intuito de combatê-los e ampliar as possibilidades de expressão da criança e adolescente.

No Rio, 12 turmas já foram formadas em escolas municipais. O coordenador do projeto Marcelo Demarchi frisa que o curso é feito por pura e espontânea vontade dos alunos. “Os alunos participam por adesão. Passamos de sala em sala divulgando o trabalho que pretendemos desenvolver e falamos alguns dos poemas que fazem parte do material pedagógico. Pra mim é um projeto muito gratificante de se fazer e o que mais me impressiona é que os resultados são muito rápidos e consistentes”, vibra Marcelo. Ao final de cada oficina, um recital é realizado como coroação do trabalho realizado □

SERVIÇO

Casa Poema
Telefones: (21) 2286-5976 /
(21) 2286-5977
www.casapoema.com.br
Endereço: Rua Sacopã, 159 –
201, Lagoa, Rio de Janeiro - RJ



Amorim



Rio de Janeiro, um Estado de graça

*Cartunistas,
chargistas e
ilustradores
fluminenses mostram
o lado cômico da
vida através de suas
artes*

MAGNO NAVARRO

Conjuguem o verbo “rir” na primeira pessoa do presente do Indicativo e já terá metade do nome do estado mais bem humorado do Brasil. O Rio de Janeiro tem como uma de suas principais características uma população que leva tudo sempre com bom humor, mesmo as situações mais difíceis, e também onde as belezas naturais parecem ter sido cuidadosamente desenhadas por Deus. A arte do desenho ajudou a consolidar o lado cômico do povo fluminense através dos quadrinhos, *cartoons*, charges e ilustrações.

Quando o homem não tinha a linguagem oral e escrita, seus instintos o levaram a desenhar nas paredes e tetos das cavernas figuras que representavam o cotidiano, rituais e expressavam conceitos, valores e crenças, a chamada arte rupestre. Os processos comunicacionais evoluíram ao longo dos anos e denominaram de artes gráficas a técnica de utilizar imagens e texto para comunicar ideias e conceitos. Se uma imagem vale mais que mil palavras, às vezes basta um desenho

para transmitir determinada mensagem, seja ela qual for.

Porém, muitas vezes nos lembramos das criaturas e não dos seus criadores. Mas como trabalham aqueles que, ao invés de traços a lápis e canetas, são feitos de carne e osso? Quem são os artistas que alimentam com as artes gráficas os *outdoors*, propagandas, jornais e revistas do Rio de Janeiro?

A história do desenho no Brasil é rica tanto em produção quanto em grandes nomes que se consagraram inclusive internacionalmente. Um dos primeiros foi o ítalo-brasileiro Angelo Agostini, o mais importante artista gráfico do Segundo Reinado e fundador da *Revista Ilustrada*, publicação satírica, política, abolicionista e republicana, em 1876. Nela, Angelo criou aquela que é considerada a primeira história em quadrinhos do Brasil, com o personagem Zé Caipora, em 1884. De lá pra cá nomes como Maurício de Sousa, Ziraldo, Luís Fernando Veríssimo, Chico Caruso e Laerte marcam o mercado nacional.

No Rio de Janeiro não é diferente. Juntam-se aos já citados, Millôr Fernandes, Jaguar, entre tantos outros. Mas há um em especial que não desenha diretamente, mas que já esteve trabalhando diretamente com muitos deles editando *cartoons*, jornais e revistas: Ricky Goodwin. Ricky encarou desde cedo o desafio de estar entre os “leões”. Aos 18 anos, fora convidado por ninguém menos que Ziraldo para trabalhar no semanário O Pasquim, jornal conhecido por seu papel de oposição ao regime militar. “Comecei a trabalhar com jornalismo aos 15 anos. Me senti jogando uma final de Copa quando recebi o convite. Na época da ditadura, o Pasquim era praticamente um dos três únicos jornais que se podiam trabalhar fora da grande imprensa que apoiava o governo. Era a seleção dos melhores jornalistas e humoristas que trabalhavam no Pasquim. Através dessa convivência com eles eu entrei de cara nesse mundo dos quadrinhos do humor. Dá pra dizer que foi pela porta da frente”, conta Ricky.

Após 14 anos no Pasquim, Ricky Goodwin fez parte de mais duas vertentes importantes do humor através dos desenhos: a tradicional revista Mad, onde ficou por oito anos e a revista do grupo Casseta&Planeta, que posteriormente viraria sucesso na TV brasileira. Mas o que mais marcou a carreira de Ricky foi ter organizado as 19 edições do Salão Carioca de Humor, evento anual que reunia os principais desenhistas de humor do Brasil e do mundo. “Nos anos 80 começaram a virar moda no país os salões de humor. Era uma época de ditadura e havia uma grande censura da imprensa e não tinha muito espaço pros cartunistas publicarem em jornal. Existe hoje uma geração toda de desenhistas que surgiram com o Salão.”

E qual a função de um editor? “É organizar e dar ideias ao cartunista. Daí é só acompanhar o trabalho do artista”, explica. É claro que muitas das vezes as ideias vêm dos próprios cartunistas. Como é o caso da tirinha “Mundinho Animal”, criada pelo cartunista carioca Arnaldo Branco, de 43 anos. Com traços livres de estéticas e um humor que satiriza a classe artística e suas vertentes, a série já foi reunida e publicada como coletânea. “Acho o desenho horrível, mas não vou mudar porque a ideia é exatamente essa. Um ogro querendo

Dan



caprichar tem bem mais trabalho do que um gênio espontâneo”, conta Arnaldo.

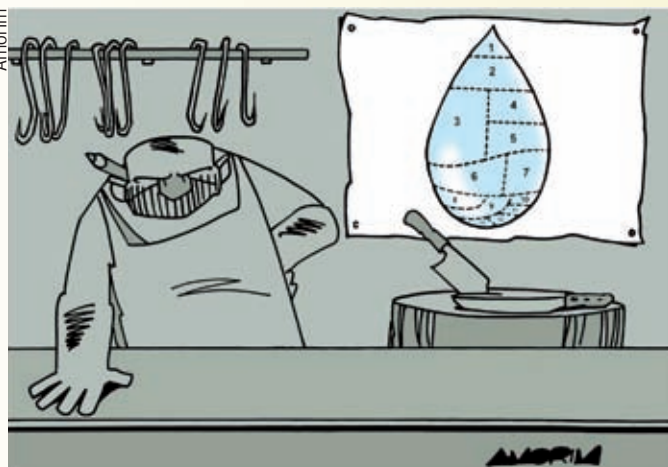
E mais do que qualquer técnica, o desenhista de humor precisa ter a sensibilidade para identificar onde está a crítica. Carlos Alberto da Costa Amorim, ou simplesmente Amorim, cartunista nascido no Rio e que também fez parte da equipe do Pasquim na década de 80, frisa o papel que exerce o cartunista ao produzir uma charge, tira ou *cartoon*. “Com o humor você se manifesta como cidadão e mostra o outro lado da história, a versão não oficial. Ser humorista é ter um ponto de vista e isso tem que ser 24 horas por dia.”

A DIFERENÇA

Cabe agora uma explicação técnica: a diferença entre charge, *cartoon*, tirinha e caricatura. A charge faz uma sátira de acontecimentos atuais, em geral com o tema política, visando demonstrar indignação, insatisfação com a situação vigente. O *cartoon* é o desenho que representa situações cotidianas sem compromisso com fatos do presente. É a mera observação dos costumes e hábitos do ser humano. “Talvez seja a única profissão em que você ri do próprio trabalho”, brinca Amorim. As tirinhas são sequências de quadrinhos geralmente com crítica a valores sociais. São comuns em jornais, livros escolares e provas e consagrou personagens clássicos como Mafalda, Garfield e O Menino Maluquinho, de Ziraldo.

Já a caricatura é a representação exagerada de características ou hábitos de uma pessoa. E esse assunto é dominado pelo caricaturista Dan. Morador de Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o artista já teve trabalhos expostos no Salão Carioca de Humor e em outros salões em Piracicaba-SP, Porto Alegre-RS e até mesmo Turquia. Tendo começado a carreira aos 16 anos no jornal A Tribuna de Niterói, Dan é o único artista no Brasil a aplicar em suas caricaturas a técnica de pastel seco, algo que o enche de orgulho. “Eu buscava me diferenciar dos outros trabalhos que via nos jornais e revistas. Me dá mais trabalho, mas é gratificante ser o único.” Dan também é criador do projeto Desenhando o Futuro, que leva as técnicas de desenhar aos alunos de escolas municipais mensalmente, principalmente na Zona Norte de Niterói.

Amorim



Nani

FALTA D'ÁGUA EM SÃO PAULO



Engana-se quem acha que esse é um universo exclusivo para a classe masculina. Nair de Tefé abriu as portas para as mulheres, tendo suas caricaturas publicadas na revista *Fon-Fon* em 1907, com apenas 20 anos. Assinava suas obras com o pseudônimo Rian (Nair de trás pra frente e “nada” em francês), retratando com traços bem humorados figuras da alta sociedade da época.

Hoje, uma das cartunistas mais atuantes no Rio de Janeiro é Suelen Becker. Responsável pelas charges do *Jornal da Hora*, que circula na Baixada Fluminense, a artista discorda quando dizem que há uma escassez de mulheres na área. “Sei que é difícil se manter em destaque e acho estranho a cara de surpresa quando digo que sou cartunista, sendo que existem diversas espalhadas

nos quatro cantos do Brasil. Além disso, todo ano, no dia 8 de março, é realizada a exposição *Batom, Lápis e TPM*, em Piracicaba, São Paulo, com a participação de muitas delas.”

OS LIMITES DO HUMOR

O ano de 2015 entretanto ficará manchado por um dos episódios mais tristes para o mundo do desenho. Em janeiro um atentado terrorista matou doze pessoas na sede do jornal satírico *Charlie Hebdo*, na França. Entre as vítimas estavam os consagrados cartunistas franceses Cabu, Charb, Tignous e Georges Wolinsk. O motivo foi o ódio extremo pelas caricaturas que faziam piadas sobre líderes islâmicos. O ataque reacendeu a discussão acerca dos limites ao humor.

Ricky Goodwin conta que, apesar de parecer ser um caso longe da

realidade brasileira, o *Charlie Hebdo* era um jornal que dialogava com o trabalho feito aqui no país. “Muitos desenhistas brasileiros tinham contato com o Charlie, principalmente com o Wolinsk. Eu o trouxe duas vezes nesses eventos que realizamos. E na época do Pasquim havia um convênio com o Charlie: o Pasquim publicava do Charlie e o Charlie publicava do Pasquim. Tinha uma ligação que fez com que esse evento fosse uma coisa próxima da gente.”

Para ele, a própria consciência de quem produz limita o que deve ou não ser publicado. “O humor não tem limites a não ser o próprio humor. É claro que o humor tem limites, mas não esses que são impostos de fora pra dentro mas sim de dentro pra fora. O limite de dentro pra fora é a noção de aliar criatividade ao bom

DICAS PARA QUEM GOSTA DE CALUNGAR...

Se você se identificou com a matéria, está começando sua carreira agora. Mas ainda está com dúvidas se vale a pena mergulhar de cabeça neste ramo, temos alguns conselhos daqueles que já estão vivendo de *cartoons*, quadrinhos e desenhos no geral especialmente para você.



Amorim: Se começou, continua! Mesmo com aqueles comentários infelizes do tipo “para de desenhar e vai pegar um emprego”.



Nani: A internet é o caminho, mas ainda existem salões de humor que vale a pena procurar para expor os seus trabalhos.



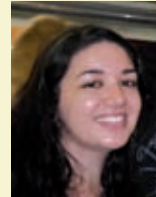
Arnaldo Branco: Tenha talento, uma visão de mundo e baixe as suas expectativas.



Ricky Goodwin: Se preocupe inicialmente mais com a prática do que em se colocar no mercado. Vá produzindo e publicando na internet.



Dan: Vai fundo e não desperdice esse dom que Deus nos deu. Estude as técnicas e exercite o máximo possível. Só assim verás o resultado no futuro.



Suelen Becker: Se escolheu viver da arte, viva por amor! Se for pensar em dinheiro o tempo todo, seria melhor vender sacolé na feira.



senso e é isso que faz do desenhista um craque”, reforça.

A visão de Ricky é corroborada por Arnaldo Branco. “Os limites do humor devem ser os do bom senso – que evidentemente não podem ser ditados por malucos com armas de fogo. Quero crer que estes representam uma parcela bem menor da população mundial.” O cartunista Nani, criador da tirinha Vereda Tropical e outro ex integrante do time do Pasquim, culpa o que chama de “indústria de processo”, o receio por parte de alguns artistas de produzirem de uma maneira livre. “Hoje qualquer pessoa se ofende, fica indignada e se aproveita para ganhar dinheiro processando o criador. Se você não gosta de uma piada, jogue ovos e tomates. Mark Twain (comediante norte-americano) dizia: o humor é um grande amor pela humanidade.”

Já para Dan, é melhor prevenir do que remediar. O artista niteroiense acredita que é preferível evitar assuntos delicados e tentar amenizá-los de outras. “A gente que tem o dom de levar alegria através de desenhos precisamos fazer as pessoas sorrirem pra esquecer um pouquinho dos problemas.”

TÉCNICAS NA HORA DA CRIAÇÃO

Naturalmente as técnicas variam de artista para artista. Dan, como já fora citado, utiliza-se de pastel seco e giz. Suas caricaturas levam até três dias para ficarem prontas. Arnaldo Branco criou uma espécie de *antiarte*, onde a mensagem sobressai muito mais que o desenho propriamente. Nani usa canetas de

ponta porosa e Amorim prefere o tradicional nanquim e papel sulfite. E na última etapa, o colorido é dado no computador.

Neste momento você pode estar se perguntando “e por que eu só sei fazer bonequinhos de palito? Qualquer um pode desenhar?”. Surpreendentemente a resposta é sim! É essencial entender o instinto de desenhar que o homem possui. Na infância, uma das principais atividades que distraem os pequenos e tranquilizam os maiores é uma folha de papel e uma caixa de lápis de cor. O que ocorre é que, se esse estímulo for deixado de lado, o desenvolvimento da percepção de desenho vai se esvaindo à medida que a criança cresce. A criança que não para de desenhar leva esta habilidade consigo para a vida adulta.

Além de cartunista, Amorim também é professor de desenhos de humor e quadrinho. Ele avalia que a sociedade no geral distorce o valor de um bom e um mau desenho. “O cidadão comum diz que um bom desenho é aquele que se apresenta exatamente igual ao objeto desenhado. Isto pra mim não quer dizer muita coisa. Já inventaram a máquina fotográfica! O bom pra mim é quem interpreta à sua maneira. A pessoa precisa encontrar o próprio estilo. Como chegar a esse estilo? Desenhando muito”, explica o cartunista.

Todavia, o mínimo de técnica tem de ser aprendido. Noções básicas de geometria, luz e sombra são essenciais para que o desenho ganhe a forma que está na cabeça do criador. “A técnica se adquire nos cursos. Agora o domínio só a prática diária



CENSO NA CRAÇOLÂNDIA





e a vontade pelo trabalho que desenvolve. Quando se olha o resultado final, esquecem das diversas outras tentativas que foram feitas” resume Amorim.

MERCADO DE TRABALHO

É quase um consenso entre os artistas que as artes gráficas são menos valorizadas que as demais vertentes da arte. Teatro, cinema, música, TV... todas passam à frente. A divergência vem no momento de apontar o motivo. Há quem diga que a queda brusca de importantes salões de humor tirou a força do mercado. Outros culpam a internet por diminuir o campo de trabalho dos jornais impressos. Porém há quem afirme que a internet, na verdade, ampliou as possibilidades de trabalho.

O fato é que o mercado vive um momento de transição. “As transformações que estão acontecendo nesse momento nos meios de comunicação fazem surgir possibilidades de apresentar o seu trabalho de formas alternativas. Se, por um lado, o grande mercado que dá muito dinheiro está fechado pra quem começa, existem meios de chegar até o público. E às vezes eles conseguirão ser até mais bem-sucedidos do que se seguissem o caminho da grande mídia”, analisa Ricky Goodwin. Com mais de 40 anos de carreira, Nani consegue seguir pelos dois caminhos. “Eu publico ainda em dois jornais impressos e tenho um blog que é uma vitrine. Lá, publico muitas charges, cartoons, quadrinhos, tenho um espaço grande, coisa que não teria num

jornal. Através dele comercializo meus desenhos para editoras de livros didáticos.”

Arnaldo Branco concorda com esse momento paradoxal do mercado. Na visão dele, quem está no início de carreira encontra as mesmas dificuldades que aqueles que já são considerados profissionais. “O mercado é ruim não só pra quem está começando, mas também pra quem está terminando. Mas acho bem melhor do que anos atrás, quando, além de dinheiro, faltava espaço para publicar. Hoje em dia qualquer garoto com um endereço de email pode fazer uma página nas redes sociais e se apresentar pras garotas como cartunista, embora eu não recomende esse tipo de abordagem”, brinca Arnaldo, que tem as tirinhas do Mundinho Animal publicadas semanalmente no site G1.

No auge dos seus 29 anos, Suélen Becker vem conquistando aos poucos seu espaço. Ela acredita que o artista que abraça a sua profissão tem que colocar as dificuldades de lado na hora de enfrentar o mercado de trabalho. “O artista precisa se valorizar e não vender seus trabalhos a preços de banana. Caso contrário, acaba atrapalhando todo mundo.” □

SERVIÇO

Amorim - www.amorimcartoons.com.br/
 Arnaldo Branco - www.facebook.com/branco.arnaldo
 Dan - www.dan-caricaturas.blogspot.com/
 Nani - www.nanihumor.com/
 Suélen Becker - www.cartunistasuelenbecker.blogspot.com.br



PROJETO DANÇARTE

Projeto
oferece aulas de
dança em
comunidades do
Centro
da cidade

CAMILA ARAUJO



Fotos: J. Luiz Castro

Apresentação da turma de dança do ventre - adultos também participam

Quem não gosta de dançar? A dança é uma expressão artística com potencial transformador. O ser humano é arte por essência e a arte, enquanto conjunto de diferentes expressões, é considerada cada vez mais como um importante meio de integração social. Nessa perspectiva nasce o Projeto Dançarte, que busca oferecer atividades artísticas e culturais como ferramenta de transformação social e de exercício da cidadania.

A história do projeto começou a ser traçada em agosto de 2000, pela professora e bailarina Luciana Dutra. Ela dava aulas de dança espanhola para crianças de sete a 15 anos, moradoras de Santa Teresa e bairros vizinhos. A motivação de Luciana era a crença de que uma cultura distante da realidade das

crianças traria a possibilidade de novos conhecimentos socioculturais. Contudo, a ONG só foi oficializada em 2002, quando se percebeu a necessidade de trabalhar outras opções de técnicas de danças, acrescentando o balé clássico e a dança contemporânea para crianças e adolescentes.

O foco do projeto está na utilização do ensino da dança como educação transformadora. Com uma equipe de dez voluntários, o Dançarte é fruto da vontade de pessoas que querem fazer a diferença. “O propósito do Dançarte é levar cultura para as populações que não têm atividades gratuitas voltadas pra elas. O Centro da cidade não foi feito para seus moradores e a nossa vontade sempre foi trazer serviços culturais pra essas pessoas. Conseguimos motivar e dar uma perspec-



O intuito da ONG é estimular a criatividade através da expressão corporal de crianças e adolescentes



Turma mirim de balé clássico, a atividade mais procurada do projeto

tiva melhor para quem passa por aqui, isso é o mais marcante”, disse Carlos Augusto Loureiro, um dos voluntários.

Hoje, a ONG é presidida pela personal stylist Simone Montenegro, que, preocupando-se em agregar outros valores ao projeto, trabalha a reciclagem pessoal para valorizar a imagem das bailarinas oriundas de baixa renda. “A ideia é complementar o ensino da dança com cursos de aprimoramento de imagem e estilo pessoal. Trabalhando a postura, a etiqueta, o cuidado com a aparência – visando não só a beleza, mas também o bem-estar –

“O propósito do Dançarte é levar cultura para as populações que não têm atividades gratuitas”

nós buscamos agregar mais valores para a vida delas. Também buscamos dar orientações em relação ao mercado de trabalho, qual o comportamento mais adequado diante de entrevistas, a escolha da roupa, da maquiagem etc.”, conta Simone.

Mais de 280 alunos entre crianças, adultos e idosos de diferentes bairros do município participam das atividades. Novas turmas de dança de salão, zumba, alongamento, jazz, dança afro, dança do ventre, yoga, balé e informática vão abrir a partir de agosto deste ano. Os interessados não precisam ter experiência em dança. Todo o trabalho é com-

plementado com atividades extras que despertam os princípios gerais de cidadania, cultura brasileira, noções de composição coreográfica, maquiagem e figurino, noções elementares de anatomia e dinâmica muscular.

O Dançarte também gerou frutos para além das salas de dança do Centro Cultural Via Artes, onde acontecem as aulas. Alguns alunos que passaram pelo projeto conseguiram vagas em escolas conceituadas de dança como o Balé Bolshoy e a escola Maria Oleneiwa □

Serviço

Endereço: Avenida Nossa Senhora de Fátima, 22 (Centro Cultural Via Arte) - Centro - Rio de Janeiro - RJ
 Telefone: (21) 2222-0848
www.projetodancarte.com.br



Em danças como a espanhola (à esquerda) e o balé clássico (à direita) são trabalhadas técnicas adaptadas à realidade das crianças brasileiras



No alto do morro

Turismo de base integra morro e asfalto

JANAÍNA MEDEIROS

Lá do alto do Morro Santa Marta, na Zona Sul Carioca, é possível ter uma visão privilegiada de um dos maiores pontos turísticos da cidade: o Pão de Açúcar. As praias também ganham um charme especial vistas lá de cima. Mas não é só a vista estonteante que faz do lugar uma atração. Os mais de 60 anos de história estão presentes em cada tijolo que constrói a comunidade e em cada morador que ali cresceu e o viu crescer.

A Praça Corumbá, em Botafogo, é o ponto de partida para conhecer o Santa Marta bem de perto. A Praça Cantão, com suas casas coloridas e lar da escola de samba local, a Mocidade Unida do Santa Marta, a Associação de moradores, a sede da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da cidade do Rio de Janeiro, o pico do Santa Marta e a mundialmente famosa laje do Dedé, onde Michael Jackson gravou em 1996 o clipe da música *They Don't Care About Us*, e hoje está imortalizado em forma de estátua, são paradas indispensáveis para os turistas que procuram a Brazilidade, uma agência de Turismo de base comunitária.

Criada em 1992 por iniciativa da moradora Sheila Souza, a Brazilidade oferece *tours* guiados para grupos pela comunidade do Santa Marta. Pensada para promover uma conexão dos visitantes com a favela e seu ambiente cultural, natural e social, a empresa busca durante seus *tours* movimentar a economia local, favorecendo o crescimento de pequenos empreendedores. “As paradas no comércio local são parte importante das nossas visitas. Nós buscamos apoiar

os empreendedores daqui, independente da área de atuação. Passamos por bares, restaurantes e por alguns comércios de artesanato e souvenirs”, explica Sheila.

Turismóloga de formação, a idealizadora quis transformar a comunidade onde nasceu e cresceu em um polo de turismo da Cidade Maravilhosa. A iniciativa de unir morro e asfalto foi um sucesso que atraiu turistas de todas as partes do mundo. “Recebemos muitos estrangeiros em nossos passeios. São dos mais variados países, desde nações próximas, aqui mesmo da América Latina, como Argentina e Chile, até países bem distantes como a Suécia e a Finlândia. Além de turistas estrangeiros, recebemos muitos grupos de estudantes, especialmente universitários”, conta.

A turista espanhola Suzana Roza participou de uma das visitas. “Conhecer uma favela como o Santa Marta é essencial para entender uma cidade complexa como a do Rio de Janeiro. É uma experiência única e enriquecedora”, afirma.

A troca de experiências é uma via de mão dupla. Nos mais de 20 anos de Brazilidade, Sheila viu muita coisa mudar. “Poder compartilhar com os visitantes a trajetória de desenvolvimento da favela e contar as muitas histórias que fazem desse espaço um lugar rico e de muita resistência, de pessoas interessantes, criativas e trabalhadoras. Eu vi a favela mudar, os jovens lutando por seu espaço e fazer parte dessa história me marca muito. Poder repassar tudo o que vi e vivi é muito gratificante” □



SERVIÇO

Endereço: Rua Jupira, nº 72 – Botafogo, Rio de Janeiro Site: www.brazilidade.com.br

Foto: Divulgação/Brazilidade



PLANTANDO O FUTURO

JANAÍNA MEDEIROS

Projeto Semente atua em diversos polos da cidade de Niterói

Antes do fruto, da flor e da árvore está a semente. Uma pequena semente é capaz de gerar sozinha uma grande diversidade de vida. Seguindo o exemplo da natureza, capaz de se transformar através de um pequeno gesto, surgiu em agosto de 2013 o projeto Semente, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de Niterói e da Fundação de Artes de Niterói (FAN).

Atuando em 10 diferentes espaços em toda a cidade de Niterói, a iniciativa oferece oficinas de artesanato, percussão, dança, teatro, audiovisual e capoeira inclusiva para todas as faixas etárias, em um sistema rotativo de localidades que recebem duas novas oficinas a cada semestre. A principal bandeira do projeto é levar a cultura a todos os recantos do município, promovendo uma descentralização da produção e obtenção de cultura. “Nós estamos plantando cultura nos espaços onde ela estava mais ausente na nossa cidade. Através dela conseguimos também trazer alegria e esperança para esses moradores que, muitas vezes, passam por certas dificuldades”, explica Arthur Maia, secretário de cultura.

Os quase dois anos de projeto já somaram mais de 500 alunos, o sucesso do projeto, no entanto, não surpreendeu seu idealizador. “Como o nome já diz, o Semente foi feito pra isso, para crescer. Nossa semente já brotou e nós estamos muito felizes com o resultado. O retorno e o reconhecimento das comunidades e de toda a população são a prova de que o que fazemos tem valor”, orgulha-se o secretário.

Vivenciando o dia-a-dia do projeto, o professor de audiovisual Stefano Jordão, há cerca de seis meses na função, vê na iniciativa uma grande oportunidade. “O Semente oferece mais do que uma distração, oferece uma chance de conhecer novas possibilidades, de aprender uma forma de arte, seja o audiovisual, a dança ou qualquer uma das opções de oficina disponíveis”, opina. “Além disso, procuramos incentivar a reflexão do aluno”, completa.

A estudante Nathália Pereira, 20 anos, conheceu o projeto através de uma tia que mora nas proximidades de Tenente Jardim, na zona norte de Niterói. “Comecei a fazer as aulas de teatro do projeto e me encantei. Eu sempre fui muito tímida e as aulas me ajudaram nesse sentido. Além disso, as aulas melhoraram minha concentração e eu pude exercitar a criatividade”, afirma □



Fotos: Divulgação/Projeto Semente

O projeto atua em 10 espaços em Niterói



A aula de capoeira é uma das mais requisitadas



O Semente leva cultura a todas as faixas etárias

SERVIÇO

Secretaria de Cultura de Niterói
Telefone: (21) 2621 5050 (ramal 2014)
Site: www.culturanniteroi.com.br



Tênis Sobre Rodas:

NATHÁLIA CORDEIRO

Aprender a lidar com as imposições do destino, desafiá-las e vencê-las não é uma tarefa fácil. Mas há quem tenha conseguido através do esporte. E não é só isso. Ainda encontrou uma chance de resgatar a autoestima, recuperar a alegria e a vontade de viver. Praticantes de tênis em cadeiras de rodas vêm dando uma lição de superação, tornando-se exemplos, colecionando vitórias e mostrando que, para eles, não há limites que não possam ser ultrapassados.

A modalidade esportiva para deficientes físicos que mais cresce no mundo é o tênis praticado em cadeiras de rodas. Criado em 1976 pelo norte-americano Brad Parks, o esporte já chegou em mais de 70 países. No Brasil, chegou em 1985 com o tenista José Carlos de Moraes. Ele, que teve que se adaptar com sua deficiência, mas que nunca deixou o prazer e amor pelo esporte serem esqueci-

“
A modalidade esportiva para deficientes físicos que mais cresce no mundo é o tênis praticado em cadeiras de rodas
”

dos. Desde sua chegada ao Brasil, a atividade cresceu e vem ganhando novos atletas, e hoje, segundo dados da International Tennis Federation (ITF), são 66 atletas em competição na modalidade sobre rodas.

Em Niterói o projeto Tênis Sobre Rodas teve início no ano de 2009, com o professor Sérgio Alves dos Santos. Formado em Educação Física, Sérgio se especializou em esportes adaptados e desde então tem a missão de ensinar e socializar pessoas que possuem alguma deficiência. Após ter trabalhado em instituições como Andef e Pestalozzi, em parceria com a Prefeitura de Niterói, ele implantou o projeto na quadra esportiva na Concha Acústica, localizada em São Domingos. “Trabalhar com pessoas deficientes é um aprendizado diário, costumo dizer que eu não ensino nada, eles que me ensinam. O esporte é uma ferramenta importante para inserir essas pessoas na sociedade. Muitos deles ficavam trancados dentro de casa, com vergonha de

Jovens dão show em participação no campeonato Niterói Open 2015. Desde 2009 eles treinam no projeto Tênis Sobre Rodas



Lazer e superação

si mesmo, e hoje estão praticando esportes, rindo e interagindo. Esta é minha maior recompensa como ser humano e profissional”, diz Sérgio.

Entender as diferenças e superá-las. Este é o segredo do jovem Samuel de Oliveira, de 19 anos. Através do Projeto Tênis Sobre Rodas o jovem já conheceu vários estados do país, e participou de campeonatos internacionais, contabilizando seis medalhas. “O esporte me ajudou a lidar com minha deficiência, me fez conhecer novas pessoas, novos lugares. Hoje eu sei que, independente de não poder andar, eu posso sonhar e lutar pelos meus sonhos”, ensina.

O trabalho com deficientes vai muito além de ensinar técnicas esportivas, requer um controle psicológico, pois, muitas vezes quando a pessoa entra em conflito com esta condição, ela passa por etapas de rejeição própria e aceitação. Como aconteceu com Lucas Fernandes, de 18. “Eu tinha vergonha de sair de casa, quase não falava com ninguém,

me achava inferior e não via perspectiva de vida pra mim. Quando comecei a praticar o tênis consegui me libertar da timidez, fiz amigos. Hoje converso com qualquer pessoa sem me achar inferior ou ter vergonha. Minha família hoje é mais feliz, porque agora eu consigo sorrir”, diz ele, emocionado.

CAMPEONATOS

Atualmente a turma dos atletas sobre rodas da Concha Acústica é composta por oito jovens, que competem em campeonatos nacionais e internacionais. Uma fonte de inspiração para eles é o atleta Rafael Medeiros. Diagnosticado com um cisto na medula, Rafa, como é chamado, ficou paraplégico ainda na infância. A falta de mobilidade nas pernas, porém, não o impediu de desenhar o seu futuro. Aos 12, começou a jogar basquete na sede do Hospital Sarah Kubitschek, no bairro da Gameleira, em Belo Horizonte (MG). Aos 14, passou a treinar tênis no Parque Municipal. Hoje, é o número um no ranking brasileiro de tênis em cadeira de rodas. Foi um dos representantes do país

nas Paraolimpíadas de Londres, em 2012. Em maio de 2014, ganhou a medalha de prata no mundial da Holanda. Com 24 anos, o craque dá um show nas quadras.

“A pessoa não pode desistir no primeiro obstáculo. Tem que seguir seu caminho, sem fazer muito drama. Assim, a vida se torna simples”, aconselha.

O secretário municipal de Esporte de Niterói, Bruno Souza, reforça a importância que o Projeto Tênis Sobre Rodas tem para estas pessoas e para a cidade. “Temos muito orgulho do trabalho desenvolvido pelo professor Sergio na quadra da Concha Acústica. Eles estão de parabéns pela dedicação e comprometimento. Estamos trabalhando arduamente para melhorar as condições de treino da equipe de tênis de cadeirantes”, finaliza o secretário □

SERVIÇO

Endereço: Avenida Cem, s/n
São Domingos, Niterói
Telefone: (21)2719-0674
Horário de Funcionamento: Segunda, das 15h às 17h; e Quarta das 15h às 17h.



Mulheres em evidência

Centro Cultural voltado para o público feminino incentiva a inclusão social



GABRYELLA MENDES

Os casarões da Rua Tiradentes, no bairro Ingá, Zona Sul de Niterói, deram lugar a diversos prédios. Entre modernos edifícios, quase não se percebe a antiga casa verde com grandes portões de madeira. Em sua fachada, uma pequena e singela placa não dimensiona as possibilidades que o Centro Cultural Enseada é capaz de proporcionar: momentos de paz no meio do caos urbano. Ao entrar no local, é possível ver os detalhes femininos que se estendem por todo o ambiente. Flores, corações e brinquedos cor de rosa deixam evidente que ali é um espaço para meninas. Mas nada de feminismo. Segundo a equipe, o objetivo é promover a integração das mulheres.

Em Niterói há mais de 20 anos, o Enseada é uma unidade da Associação de Desenvolvimento Educativo Cultural (ADEC). A associação

Voluntárias participam de diversas atividades culturais organizadas pelo Centro Cultural

nasceu para dar continuidade, sustentação e legitimidade aos trabalhos que um grupo de pessoas desenvolvia: costura de enxoval para mães de baixa renda, atividades lúdicas e culturais para crianças e adolescentes de diversos níveis sociais do Rio de Janeiro.

Investindo na formação integral da pessoa, o Centro Cultural Enseada mantém uma programação contínua no campo da educação, cultura e promoção social, desenvolvendo atividades de pesquisa, ação comunitária, acadêmicas, artísticas e esportivas para crianças, adolescentes e mães de comunidades carentes. A ideia é permitir que cada um seja um agente multiplicador, dentro do seu próprio ambiente, de atitudes e valores que norteiem o desenvolvimento de uma sociedade igualitária.

Para realizar um trabalho que atende cerca de 200 pessoas por ano, é preciso estrutura e, principalmente, ajuda. Pensando nisso, a sede do Enseada funciona, antes de tudo, como centro de formação de voluntárias. Não é apenas um treinamento para pôr em prática as atividades promovidas pelo centro cultural em comunidades carentes, mas também a preparação das voluntárias enquanto pessoa. Durante esse período (e até depois dele), as mulheres participam da tertúlia (reunião onde assistem a palestras e debatem diversos temas), atividades culturais e da organização dos projetos desenvolvidos pelo Enseada. A sede também possui uma sala de estudos e uma capela, onde ocorrem atividades de formação humana e espiritual, orientadas pelo Opus Dei – instituição da Igreja Católica.

AS AÇÕES CULTURAIS

Entre os principais projetos do Centro Cultural está o “Projeto Jurujuba”, que funciona como braço social da unidade, desenvolvendo na vila pesqueira do bairro atividades que melhorem a qualidade de vida da população. São oferecidas diversas oficinas, como aulas de balé, música e canto, gastronomia, saúde e educação ambiental, artesanato, reforço escolar, entre outros. A jovem Monique Lomelino conta que sua experiência como voluntária no Projeto tem sido gratificante. “Participar de um projeto voluntário já é legal, mas participar do Projeto

Jurujuba é maravilhoso! É ganhar um aprendizado a cada dia, aprender a se doar e ser menos egoísta, ter olhos voltados para o próximo. É também ganhar e receber muito carinho e amor”.

Monique também fala sobre a emoção de ver o projeto recebendo o prêmio Rio Sociocultural, que seleciona cinco iniciativas realizadas no estado. “Existem 387 projetos voluntários no Rio de Janeiro, estar entre os cinco melhores foi divino! Comprovamos que todo o sacrifício e dedicação valem a pena. Só nós sabemos o quanto batalhamos para conseguir fazer acontecer esse projeto”, completa.

Outra ação de destaque do Enseada é a “Férias Solidárias”, onde uma cidade é contemplada para receber a equipe do Centro Cultural. Geralmente ocorre em escolas, onde são realizadas várias atividades culturais como Fundo do Mar (meio ambiente), Curso para Mães (fóruns de discussão sobre educação dos filhos, relacionamento humano e administração do lar e oficina de culinária), gincanas lúdico-esportivas e muitas outras.

A diretora do Centro Cultural Enseada, Telma Leite, se tornou voluntária ainda na escola, ao ser

convidada por uma amiga a integrar uma entidade muito parecida com a Enseada. Ela sempre desejou fazer algo pelo próximo, mas o que ela não imaginava é que a sua vida acabaria se voltando totalmente para o voluntariado. “Eu tinha 17 anos quando comecei a voluntariar no meu estado (São Paulo). Me mudei para o Rio de Janeiro para ajudar em uma outra instituição e acabei sendo convidada para participar da ADEC. Já são nove anos de história, mas há apenas um mês eu vim para a unidade de Niterói e estou muito feliz. Quando você ajuda o próximo, no fim, acaba percebendo que você foi o mais ajudado, é incrível. O mais legal é saber que eu vou marcar, de alguma forma, a vida de alguém. E que esse alguém também marcará a minha. Todo mundo devia ter essa experiência pelo menos uma vez na vida”, finaliza □

SERVIÇO:

Centro Cultural Enseada
Endereço: Rua Tiradentes 156, Ingá
Niterói - RJ
Telefone: (21) 2621-5962
Facebook: facebook.com/centro-cultural-enseada



A oficina de dança é uma das mais procuradas pelas alunas do Projeto Jurujuba

JANAÍNA MEDEIROS



*Diversão e voluntariado
contribuem para a formação
de valores no projeto Amigos
para Sempre*



Voluntariado cria

Passeios, histórias, conversas e risadas: a receita da amizade é simples. Mais simples ainda é entender a felicidade nos olhos de uma criança que acabou de fazer um novo amigo. Apostando na premissa de que a amizade é o elo que fortalece cada um de nós, o programa Amigos para Sempre une voluntários e crianças na busca pelo nascimento e fortalecimento desse sentimento tão significativo.

O programa faz parte da ONG Sonhar Acordado, que nasceu em 1998, no México, pela iniciativa de um grupo de jovens que acreditavam que a juventude deveria se engajar em causas sociais. O projeto chegou ao Brasil, em sete estados, entre eles o Rio de Janeiro, em 2000. A organização atua junto a instituições no sentido de transformar a vida de crianças carentes através da interação com o voluntariado jovem.

O Amigos para Sempre faz parte da programação da versão carioca da ONG desde 2004 e atende, atualmente, 249 crianças de nove





laços de amizade

instituições diferentes. Com idades entre seis e 12 anos, elas são divididas em 14 equipes, cada uma com seu próprio líder, responsável pela comunicação dos voluntários e pela divisão de tarefas. O encontro entre crianças e voluntários acontece uma vez por mês, sempre com atividades diferentes que contribuam para a formação dos laços de amizade e propiciem um ambiente saudável e alegre.

Através das atividades culturais, em cinemas, teatros e museus, dos passeios recreativos em parques e zoológicos e das atividades esportivas, os pequenos vão descobrindo o valor do sentimento verdadeiro e também o ensinam. “É incrível a sensação de ver uma criança feliz, aprendendo aquilo que passamos, os valores e revivendo-os nas atividades seguintes. É isso que queremos construir para as crianças: valores de cidadania, de vida, para elas vivenciarem no dia a dia, nas escolas, em casa”, afirma a coordenadora e co-líder de equipe Elisa Ferreira, de 23 anos.

O voluntariado jovem é o motor do Amigos para Sempre. A economista Natália Menezes, de 25, conheceu o projeto por intermédio de amigas e começou a participar no início de 2013. “No início, achei que não ia conseguir me dedicar muito por conta da falta de tempo, mas as crianças são tão incríveis e o grupo de voluntários é tão motivado que a gente parece que cria tempo para se dedicar ao APS. A organização das atividades, apesar de consumir bastante, é recompensadora, quando vemos a felicidade das crianças”, explica.

A felicidade das crianças é o grande benefício do projeto, mas está longe de ser o único. “As crianças são inseridas em um mundo novo, conhecem vários lugares interessantes da cidade, convivem de igual para igual com outras crianças, mesmo que tenham situação socioeconômica diferente, e aprendem valores novos a cada atividade. Eu estou com o mesmo grupo de crianças desde o início e é incrível ver a evolu-

ção dos pequenos, eles efetivamente aprendem o que passamos para eles, sejam nos passeios, sejam nas dinâmicas. O melhor é quando os vemos repassando tudo que aprenderam”, comenta Natália.

Os benefícios, no entanto, são uma via de mão dupla no projeto, como a história da própria coordenadora deixa transparecer. “Posso dizer que entrei pensando em ajudar o próximo, mas, com um tempo, vi que o voluntariado passou a me ajudar. Fazer o bem, realmente, faz bem. É muito bom ver o sorriso no rosto das crianças, ver os voluntários empolgados e envolvidos, ver os pais agradecidos” □

SERVIÇO

ONG Sonhar Acordado
Facebook: www.facebook.com/SonharAcordadoRio
Site: <http://www.sonharacordado.org.br/rio-dejaneiro/index.php>
E-mail: voluntarios.rj@sonharacordado.org.br



Há 160 anos, o Instituto Benjamin Constant atua na inclusão de deficientes visuais

Educação inclusiva para a formação de cidadãos produtivos

*Instituto
Benjamin Constant
comemora
160 anos promovendo
a educação,
capacitação, cidadania
e inclusão de
portadores de deficiências
visuais*

MARIO BRIZON

A missão de servir com qualidade a quem precisa de auxílio está sedimentada de forma perene nos alicerces do prédio centenário construído e idealizado pelo Imperador D. Pedro II. Esse sentimento é compartilhado por todos que dedicam, muitas vezes, o trabalho de uma vida inteira em prol de promover a educação, a cultura, a inclusão, a cidadania, a autoestima, a saúde, a reabilitação e a acessibilidade àqueles que são portadores de algum tipo de deficiência visual, formando pessoas capazes, independentes e vitoriosas. Esse papel, no Brasil, é desempenhado com protagonismo por uma instituição de referência e que, em 2014, completou 160 anos de fundação: o Instituto Benjamin Constant.

Criado em 12 de setembro de 1854 pelo Imperador D. Pedro II, com o nome de Imperial Instituto de Meninos Cegos, trazia consigo o desejo e a preocupação do Imperador de oferecer mais conforto, educação e cidadania para os meninos cegos, com base na observação da

experiência daquilo que se praticava na França. O resultado logo deu certo e com a crescente demanda de crianças cegas tanto do Rio de Janeiro, quanto de outras cidades do País, o espaço ficou apertado para o atendimento. Assim, o Imperador tomou outra atitude e doou um terreno de uma chácara no bairro da Urca, que acolheu a primeira etapa da construção do atual prédio, em 29 de junho de 1872. As instalações ficaram prontas em 1890 e em 1891 surgiu o Instituto Benjamin Constant, justo quando recebeu seu atual nome, em homenagem ao seu terceiro diretor, o republicano nascido em Niterói, Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1833-1891), que atuou como professor de matemática do Instituto por mais de 20 anos. Constant seguiu os preceitos da criação do Instituto e, durante sua vida, não poupou esforços para oferecer conforto e dar condições aos deficientes visuais.

As muitas frentes de atuação do Instituto Benjamin Constant dão a dimensão do trabalho realizado

no atendimento à população. Entre outras coisas, o IBC possui escola de Ensino Fundamental para alunos com deficiências visuais; cursos de capacitação e formação profissional para jovens; capacitação de profissionais na área de deficiência visual; terapias ocupacionais; complexo esportivo para formação de atletas de alto rendimento; bibliotecas com grande acervo de livros em Braille, impressos em tinta e também audiolivros; gráfica própria que imprime livros didáticos e paradidáticos em Braille; atendimento médico e oftalmológico especializado; reabilitação biopsicossocial; centro de estudos e pesquisas; formação e capacitação à distância; assessoramento de escolas e instituições; além de atuar também no fomento das políticas do setor.

Maria da Glória de Souza Almeida, chefe de gabinete e diretora geral substituta, trabalha há 34 anos no Instituto, e atua há 12 anos na direção. Professora de Português, Literatura e Espanhol, também é portadora de deficiência visual, adquirida quando tinha 11. Profunda conhecedora do IBC, "Glorinha", como é chamada por todos, explica que o Instituto vem passando por uma transformação, mas sem perder sua essência. "Ao longo dos anos, o perfil do IBC modificou-se, mas não se perdeu. Está calcado no binômio de Educação e Trabalho e ao longo do tempo foi sendo adequado, mas nunca abandonado. Nós temos essa capacidade de transformação, de estarmos na vigência do momento histórico, no compromisso de cidadania para com o povo e garantindo os direi-

"O IBC tem o compromisso de cidadania para com o povo, garantindo os direitos e deveres dos deficientes visuais."

tos e deveres dos deficientes visuais. Nossos quatro pilares não se abalam nunca: Educação, Cultura, Trabalho e Cidadania", disse.

CAPACITAÇÃO E ENSINO

Um dos principais objetivos do IBC é a capacitação de profissionais na área de deficiência visual. Por ano, 1.200 a 1.500 professores são capacitados nas suas próprias instalações, além dos cursos que são feitos em vários pontos do país. "É necessário dar capacitação e qualificação profissional para o professor para que ele possa conduzir este processo de formar as pessoas portadoras de deficiências, e de dar subsídios para que essas pessoas possam ter cidadania", diz Maria da Glória. Atualmente, o efetivo do IBC é de 144 professores.

No Ensino Fundamental estão matriculados atualmente 356 alunos. Além disso, o IBC também atende crianças abaixo da faixa etária da Educação Infantil. E há, ainda, programas especiais que atendem às crianças que chegam com diversas deficiências visuais. Um deles é voltado àquelas que têm dificuldade para o aprendizado. Neste caso, todas as disciplinas são adequadas para o cotidiano prático do dia a dia, utilizando ainda recursos de informática e artes plásticas. "Nosso currículo escolar básico é igual ao de outras escolas, como o Colégio Pedro II, por exemplo, exceto pelas disciplinas específicas. Temos material didático especializado, com adaptações de livros. Aqui fazemos de tudo para que o estudante possa se desenvolver", comenta Maria da Glória.



Maria da Glória, diretora geral do IBC

O Instituto Benjamin Constant também é referência no país quando o assunto é pesquisa. O Centro de Estudos e Pesquisas visa incentivar, promover e divulgar estudos e pesquisas dentro da temática da cegueira, baixa visão e surdocegueira nos campos pedagógico, psicossocial, oftalmológico, de prevenção, de integração e reintegração na comunidade de pessoas cegas ou com visão reduzida. Nesse sentido, o IBC promove e desenvolve a integração com pesquisadores de todo o País e do exterior.

Também existem cursos e atividades voltadas para a reabilitação de jovens e adultos, no caso, pessoas que perderam a visão depois de já terem cumprido algum período escolar, os chamados reabilitandos. Eles recebem orientação sobre mobilidade para as atividades do cotidiano diário, habilidades básicas de preparação para o Braille, e depois leitura e escrita através do Braille, escrita cursiva, inglês básico, música, teatro, cestaria, artesanato em biscuit, tricô, tapeçaria, cerâmica, educação física.

"Há pessoas que chegam para nós com muitas dificuldades, com problemas de aceitação, baixa estima, problemas psicológicos, enfim,



O IBC é referência na área de pesquisa da cegueira



Exames diversos, como de vista, são realizados no IBC



Aulas como as de música fazem parte da reabilitação



O IBC possui um parque gráfico, onde imprime livros em Braille

muitos e diversos problemas”, finaliza Maria da Glória.

LIVROS EM BRAILLE

As áreas de cultura e lazer também têm destaque no Instituto Benjamin Constant. Seu principal equipamento é a Biblioteca Louis Braille, que conta com um acervo de títulos didáticos, informativos, culturais e de lazer impressos tanto no Sistema Braille, quanto à tinta e gravados em fitas cassete. “Possuímos três bibliotecas, sendo que a principal é a Biblioteca Louis Braille, com acervo geral de publicações em Braille e tinta. Também temos

uma biblioteca especializada em educação, principalmente para deficientes visuais e atendemos a comunidade interna e externa. Temos um estúdio de gravação do programa do áudiolivro. Como apoio às crianças menores, dispomos de uma brinquedoteca e um parque infantil”, diz Maria da Glória.

O IBC é um centro de formação de atletas de alto rendimento, e desde cedo estimula o esporte nas escolinhas. “Temos atletas muito capacitados e, nas nossas escolinhas de iniciação esportiva para crianças, trabalhamos com o objetivo de desenvolver habilidades e forjar novos atletas.”

Entre os atletas de destaque formados pelo IBC estão: Willians Araújo, da Seleção Brasileira de Judô; Larissa Sousa, da Seleção Brasileira de Goalball feminino; Leonardo Sabino, da Seleção de jovens de Atletismo; José Luiz Maia, da Seleção de Jovens de Natação; Felipe Sabino, da Seleção de Jovens de Futebol de 5; e Alex Sousa, da Seleção Brasileira de Goalball masculino □

SERVIÇO

Av. Pasteur, 350 / 368 - Urca
Rio de Janeiro - RJ
Tel: (021) 3478-4442
Site: www.ibc.gov.br

Advogado da União aprendeu o Sistema Braille no IBC

Ainda criança, Cláudio Panoeiro foi vítima de uma retinose pigmentar incurável que lhe tirou a visão. Com ajuda do Instituto Benjamin Constant ele aprendeu Braille e técnicas de estudo e aprendizagem. Hoje, como advogado, trabalha na Procuradoria da União e já realizou mestrado em Salamanca, na Espanha.

“O método que eu aprendi me preparou para vencer na vida. Foi minha caixa de ferramentas para que eu conseguisse alcançar meus objetivos.” Ele fez história ao se tornar o primeiro advogado cego a fazer uma defesa oral da União no Superior Tribunal de Justiça (STJ), em abril de 2010.

Natural da cidade de Três Rios, no centro-sul fluminense, casado, trabalhando desde 2005 na Procuradoria Regional da União (PRU) da 2ª Região (Rio de Janeiro e Espírito Santo), Panoeiro, de 41 anos, viu sua vida se transformar ainda criança, quando descobriu também o valor da solidariedade do ser humano. “Nunca chegamos aos lugares sozinhos. Sempre alguém nos ajuda”, disse.



Cláudio Panoeiro e sua esposa

Até descobrir a doença, estudava em escola regular onde foi alfabetizado. Com o avanço dela, não tinha condições de seguir estudando pelos métodos convencionais. “Os professores diziam, ‘olhem esse exemplo aqui no quadro’. Olhar como? Eu não podia continuar naquela escola.” Diante disso, então com dez anos, ele foi matriculado, em março de 1984, no Instituto Benjamin Constant.

Naquele momento, Panoeiro passou a frequentar as aulas regularmente e teve o primeiro contato com o Sistema Braille, o que lhe permitiu aprender o conteúdo

escolar. “Encontrei condições ideais para vencer as barreiras que me impediam de estudar e aprender.” O método de ensino do IBC, segundo o advogado, foi um fator chave em todo esse processo. O acesso aos livros em Braille, as turmas com poucos alunos e a dedicação dos profissionais forjaram nele uma base forte. “O Instituto desempenha um papel importante não apenas nos estudos para os cegos. É uma questão de metodologia. De aprender a estudar como deficiente. Isso permite nos adaptarmos”, esclarece. Ele explica que uma pessoa com visão integral consegue ver o todo. “Já um cego precisa ler linha a linha. Então também precisa desenvolver outros recursos, como aprender a estudar ouvindo, a estimular a percepção e a desenvolver a memória.” Durante a faculdade, trabalhou no Tribunal de Alçada Criminal e foi analista do Tribunal de Justiça, mas queria ir adiante. Em 2001, descobriu que podia escanear livros e transformá-los em arquivos de áudio. “Antes disso, eu tinha que mandar alguém gravar os livros em áudio. Isso dava umas 40 fitas cassete para estudar.”

Centro de Artes UFF agita a vida cultural de Niterói



Laura Alonso

Espaço movimentado a cultura da cidade com exposições, teatro e espetáculos musicais

A maioria da população pensa que é preciso mergulhar em livros para aprender sobre o mundo e tornar-se uma pessoa “cult”. A verdade, entretanto, é outra. A cultura está além das páginas de papel: está também no teatro, na música, na dança e em tantos outros formatos, que são capazes de permitir a imersão, a vivência e o aprendizado.

Pensando nisso, a Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, resolveu ampliar o acesso à cultura na região. Construiu o Centro de Artes UFF, espaço que abriga exposições de arte, sessões de cinema, apresentações de dança e teatro, espetáculos musicais e promove debates e intercâmbios culturais.

O preço das programações é acessível à maioria: ou é cobrado um valor simbólico, ou a entrada é franca. Isso beneficia as cidades no entorno de Niterói, como São Gonçalo e Itaboraí, e os próprios alunos da universidade de que, muitas vezes,



não possuem um dinheiro extra para investir em opções de lazer.

Wladimir Oliveira, de 21 anos, é da cidade de São Sebastião do Alto, no interior do estado, e estuda jornalismo na UFF e aprova o espaço. “Cultura no Brasil é algo muito caro. São poucos os lugares que possuem preço acessível. Os universitários têm que escolher entre ir a uma peça ou a um show, ir ao cinema ou a uma exposição, por exemplo”, conta.

O diretor do Centro de Artes, Leonardo Guelman, reitera a importância do local. “Somos o principal centro cultural de Niterói e o maior centro cultural universitário do país. Temos um cinema e um teatro com equipamentos supermodernos, diversos grupos de música e ainda sediamos uma orquestra sinfônica nacional. Isso

faz com que tenhamos um mosaico de opções onde quem ganha é sempre o público.”

Helena Rosa, de 70, era a primeira da fila para assistir ao espetáculo *O Jovem Frankenstein*, uma produção da Unirio, que foi exibido gratuitamente no Centro de Artes. Ela estava acompanhada da amiga, Cely Rocha e da neta, Laís Cruz. A pequena, de 12, já é fã de teatro e frequentadora assídua do Centro de Artes. “Era o que faltava em Niterói. Um espaço cultural grande, com programações todos os dias. Antes eu tinha que me deslocar para o Rio para ter acesso a esse tipo de coisa”, conta ela.

A avó também reclama do preço das opções no Rio e elogia o centro de Niterói “Quando vou para o Rio gasto em torno de 140 reais com peças de teatro. Aqui, eu assisti ao espetáculo que falava sobre Clara Nunes por 15 reais”, relembra ela, fazendo referência à peça “Deixa Clarear”, escrita por Marcia Zanelatto, que revisa a carreira da cantora □

SERVIÇO

Centro de Artes UFF

Endereço: Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí – Niterói / RJ

Telefone: (21) 3674-7512

Email: faleconosco@centrodeartes.uff.br

Horário de funcionamento da bilheteria:

1h antes da primeira sessão de cinema até 21h10



Foto: Laura Alonso

Sr. Carlinhos, apaixonado por livros, ajuda a Comunidade em São Gonçalo com a biblioteca

VISCONDE DE SABUGOSA

LAURA ALONSO

A história do pedreiro analfabeto que montou uma biblioteca para a sua comunidade

De quantas formas uma pessoa pode ajudar a comunidade onde vive? E como saber o que a comunidade necessita? Carlos Luiz Leite, mais conhecido como Sr. Carlinhos, soube identificar algumas carências do seu bairro, Jardim Catarina, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Ele acredita que somente a pessoa que nasce e cresce no mesmo local é capaz de identificar as demandas e necessidades da população que lá vive. Graças aos anos vivendo na Rua 18, Sr. Carlinhos foi capaz de observar a dificuldade das crianças da região ao acesso aos livros e aos estudos. Por isso, em 2004, o pedreiro e sua mulher tiveram a ideia de montar em sua própria casa uma biblioteca comunitária, onde qualquer pessoa da região pudesse pegar livros e ter um local para estudar e debater pensamentos.

A ideia solidária, à primeira vista, parece contraditória. Carlos trabalha como pedreiro e é analfabeto. Entretanto, soube enxergar além das próprias necessidades e quis ajudar sua vizinhança. “Eu sou analfabeto, não tive estudos. O objetivo da biblioteca é a de ajudar o próximo. Os livros são muito importantes para a formação dos alunos aqui da área”, explica o pedreiro.

Tudo começou quando fazia a reforma na casa de uma senhora e ela quis jogar fora uma coleção de enciclopédias. Sr. Carlinhos não conseguia ler o que estava escrito nos grandes livros de capa vermelha, mas pediu à moça que ele as levasse consigo e foi dessa forma que os primeiros livros da Biblioteca Comunitária Visconde de Sabugosa surgiram.

O nome da biblioteca possui uma explicação muito simples: a história do Sítio do Pica-pau

Amarelo, de Monteiro Lobato, é a preferida do Sr. Carlinhos, e Visconde de Sabugosa, o personagem que mais admira. Visconde, inclusive, é o personagem que, apesar de ser um sabugo de milho, é um grande sábio, cuja inteligência obteve através dos livros da estante da biblioteca de Dona Benta. “É meu livro favorito. Eu quando era pequeno sempre acompanhei o Sítio do Pica-pau Amarelo. Eu adoro o Visconde!”, explica ele.

Enquanto montava a biblioteca na sala de sua própria casa, os livros chegavam como forma de doação. Crianças, jovens, adultos e idosos ocupavam o espaço improvisado, com estantes e uma mesa comprida. Aos poucos a região começava a usufruir das diversas obras, de todos os gêneros. Hoje, toda a casa do pedreiro é tomada por livros, em todos os cantos. “O único cômodo que ainda não virou biblioteca foi o meu quarto”, diz.

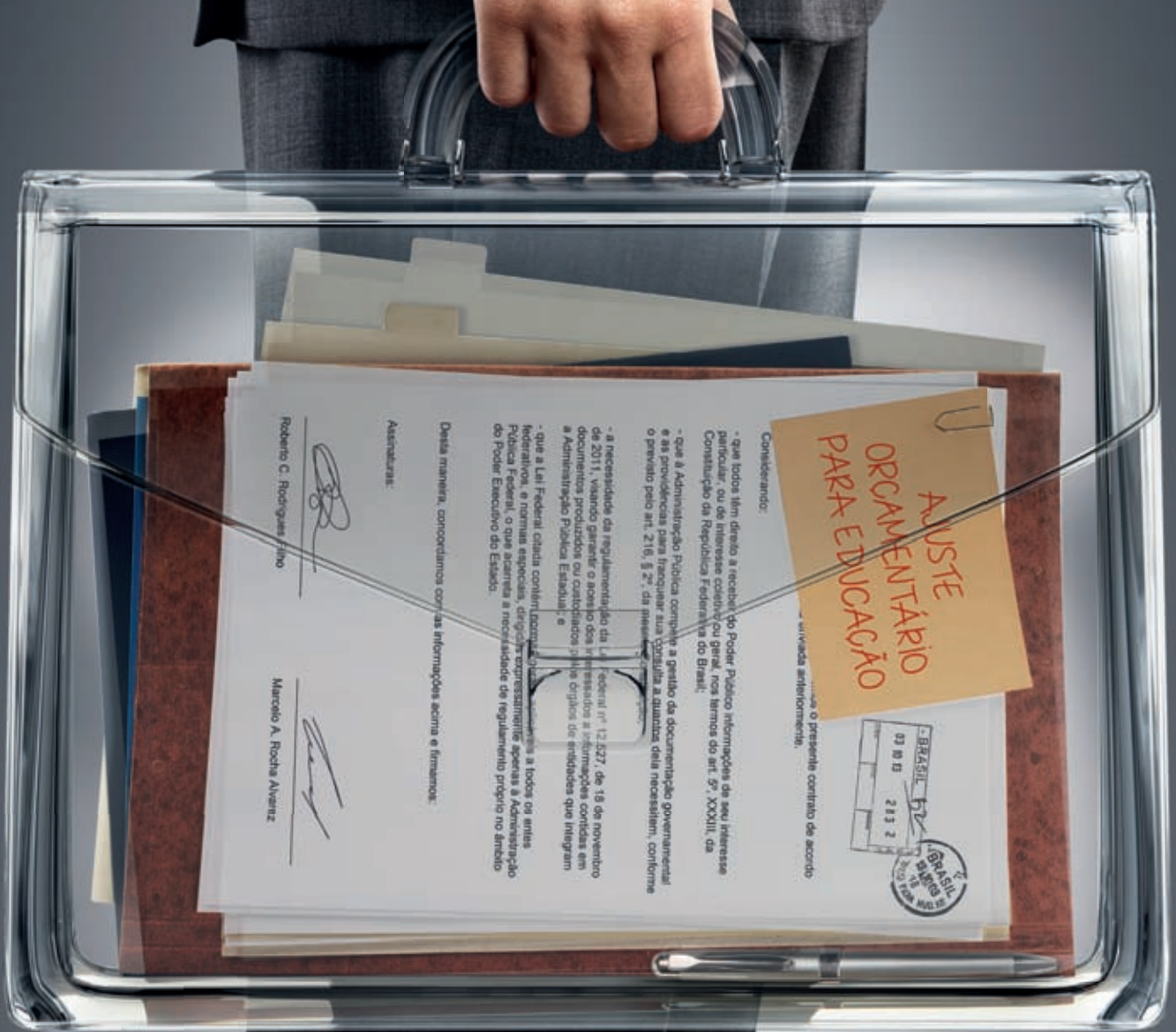
Ele ainda conta com a ajuda de dois voluntários para catalogar e organizar todas as obras que recebe. “Eu vim trabalhar aqui no final de 2011, ajudo a arrumar os livros de acordo com as categorias. São muitos livros. Minha namorada também trabalha aqui, fez a tese de conclusão de curso (TCC) dela sobre a biblioteca. É uma forma de ajudar a comunidade e fazer o bem”, conta o voluntário Flávio Ferreira Jr., sobre ele e sua namorada, Petra Marques.

Apesar da infraestrutura precária, a biblioteca está sempre cheia. Sr. Carlinhos adora receber a notícia de que um dos frequentadores da sua biblioteca conseguiu tirar uma boa nota, ou que irá ingressar na faculdade. Muitos deles, após as conquistas, retornam para agradecer e ajudar outros estudantes a alcançarem seus sonhos □

SERVIÇO

Biblioteca Comunitária Visconde de Sabugosa
Endereço: Rua São José do Ouro, lote 28, quadra 63 (antiga Rua 18), Jardim Catarina – São Gonçalo, RJ
Telefone: (21) 2615-7301
Email: bcviscondesabugosa@yahoo.com.br
Horário de Funcionamento: de seg a sex, das 9h às 19h

COM O DIÁRIO OFICIAL,
SÓ NÃO VÊ
QUEM NÃO QUER.



SÓ É OFICIAL QUANDO ESTÁ AQUI.

O Diário Oficial é o instrumento de transparência das empresas privadas e dos órgãos públicos. E para você a melhor ferramenta de fiscalização das leis, atos, licitações, contratos e tudo de oficial que acontece no estado. Por isso, com o Diário Oficial, tudo fica transparente.



SECRETARIA
DA CASA CIVIL



SOMANDO FORÇAS







WWW.IMPRESAOFICIAL.RJ.GOV.BR

NA HORA DO BANHO, SEJA UM MANERA: DESLIGUE O CHUVEIRO AO PASSAR O SABONETE.



Economize água.
É mais legal ser um Manera.

Mantenha as torneiras fechadas enquanto escova os dentes, lava louça, toma banho e faz a barba, e dê uma lição em quem esbanja água. Afinal, é maneiro ser um Manera.

TOMAR BANHO		DE 15 MINUTOS		COM O CHUVEIRO LIGADO	=		CONSUMO MÉDIO DE 190 LITROS DE ÁGUA
TOMAR BANHO		DE 5 MINUTOS		COM O CHUVEIRO DESLIGADO AO SE ENSABOAR	=		CONSUMO MÉDIO DE 65 LITROS DE ÁGUA



SOMANDO FORÇAS